

**O imaginário metalista luso-brasileiro colonial:
a Serra das Esmeraldas na segunda metade do século XVII**

Fabio Paiva Reis*

Resumo: A Serra das Esmeraldas é uma serra lendária, muito localizada no interior da Capitania do Espírito Santo durante o período colonial brasileiro. Durante muitos anos, uma diversidade de aventureiros e bandeirantes partiu pelo sertão em busca de algo que os aguardava em algum lugar desconhecido. Sérgio Buarque de Holanda defende que a Serra fazia parte de um conjunto de mitos mantidos e trazidos entre os portugueses da Europa para a América, atuando como um cenário ideal formulado a partir de suas experiências e mitologias. A permanência da Serra no imaginário colonial leva-nos a prestar mais atenção nos documentos do Espírito Santo, apesar desse local fantástico não estar presente apenas no imaginário dos colonos capixabas, mas de todo o Brasil.

Palavras-chave: Serra das Esmeraldas. Espírito Santo. Imaginário. Brasil Colônia.

Abstract: The Luso-Brazilian Colonial Metalist Imaginary: The Serra das Esmeraldas during the second half of 17th century. The Serra das Esmeraldas is a legendary Hill, usually localized on Espírito Santo Capitaincy's hinterland during the colonial period of Brazil. During several years, a diversity of adventures and bandeirantes left to the wilderness in search of something waiting for them somewhere unknown. Sérgio Buarque de Holanda stands up to the idea that de Hill was part of a group of myths kept and brought by the Portuguese from Europe to America, acting like an ideal scenario formulated from their experiences and mythologies. The hill's endurance in the colonial imaginary makes us pay more attention on Espírito Santo's documents, even though this fantastic place is not present only in the imaginary of the capixaba's settlers, but in all of Brazil.

Key-words: Serra das Esmeraldas. Espírito Santo. Imaginary. Colonial Brazil.

Introdução

Esmeraldas! Esta é, com certeza, uma das palavras que melhor exemplifica o sonho dos portugueses no Brasil nos primeiros séculos da colonização. Durante muitos anos, uma diversidade de aventureiros e bandeirantes partiram pelo sertão brasileiro em busca de riquezas incontáveis que os aguardavam em algum lugar desconhecido.

Às vezes contra o desejo da Metrópole, às vezes fazendo sua vontade, esses homens protagonizaram alguns dos momentos mais marcantes da história brasileira, seja nas descobertas, na ocupação do interior ou na formação do pensamento coletivo, um dos focos desse trabalho.

Os documentos capixabas que falam diretamente da Serra das Esmeraldas se estabelecem entre as datas 1646 e 1683. Esse é, realmente, o momento em que as entradas em busca das pedras preciosas encontram o seu auge no Espírito Santo.

Foi nesse espaço de tempo, por exemplo, que Francisco Gil de Araújo comprou a Capitania do Espírito Santo dos descendentes de Vasco Fernandes Coutinho para então poder assumir a liderança das entradas. Como não foi bem sucedido em nenhuma delas, acabou deixando-a para seu filho, que não chegou a habitar a capitania, deixando-a sob comando dos capitães-mores.

Além disso, os documentos se localizam temporalmente após o fim da União Ibérica, desfeita em 1640 e antes da descoberta das grandes jazidas de ouro no sertão espírito-santense, em 1693, o que desviou arbitrariamente os assuntos dos documentos da época para as atitudes a serem tomadas em seguida para organização do espaço das minas gerais.

Acredito que essa pesquisa sobre a Serra das Esmeraldas não fala apenas sobre o Espírito Santo, mas está relacionada diretamente com outras capitanias da época, políticas portuguesas e economia Metrópole-Colônia.

Além disso, o tema que aqui será estudado vai muito além de buscas por esmeraldas e abarca consigo todo um imaginário presente nos viajantes desde antes do descobrimento do Brasil e que se liga a lendas e mitos medievais e antigos.

Essa crença então é capaz de representar todo um período da história do Brasil, tão valorizado há anos em Estados como São Paulo e, de certa maneira, deixado de lado no Espírito Santo, apesar de aventureiros capixabas terem participado de entradas junto com bandeirantes paulistas, de igual para igual.

www.pucsp.br/revistacordis

Para o desenvolvimento das problemáticas, serão utilizados como base teórica para imaginário coletivo e mentalidades os trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda (1990 e 1969), *Monções e Visão do paraíso*.

O autor desenvolve a idéia de que “o espetáculo, ou a simples notícia de algum continente mal sabido e que, tal como a cera, se achasse apto a receber qualquer impressão e assumir qualquer forma, suporta assim, entre muitos deles, as idealizações mais inflamadas” (HOLANDA, 1969, p. 184).

Como visto acima, Holanda acreditava que o sertão desconhecido do Brasil permitia a formação e manutenção da crença de que algo fantástico poderia ser encontrado ali e é essa idéia que contrabalancearei com a percepção de que

[...] ainda quando inclinados a admitir as mais excitantes maravilhas da Criação, por onde sempre se declaram, enfim, a glória e onipotência divinas, [os portugueses] não as procuravam expressamente, salvo quando servissem para contentar seu apetite de bens materiais. (HOLANDA, 1969, p. 103).

Junto com Holanda, será utilizado o autor José D’Assunção Barros (2005) que defende, em seu artigo *Imaginário, mentalidades e psico-história – uma discussão historiográfica*, que a História do Imaginário se ocupa “da articulação das imagens visuais, verbais e mentais com a própria vida que flui em uma determinada sociedade”, o que relacionarei com a opinião de Holanda.

Além disso, Barros (2005), ao continuar seu discurso sobre a História do Imaginário, diz que

[...] o historiador do Imaginário começa a fazer uma história problematizada quando relaciona as imagens, os símbolos, os mitos, as visões de mundo a questões sociais e políticas de maior interesse – quando trabalha os elementos do Imaginário não como um fim em si mesmos, mas como elementos para a compreensão da vida social, econômica, política, cultural e religiosa.

Partindo para as questões dessa pesquisa, podemos definir como problemática geral a permanência da crença na Serra das Esmeraldas durante o período analisado. Para um lugar específico que estava sendo procurado desde os primeiros anos de colonização, o fato de não terem deixado de procurá-lo é provavelmente mais do que força de vontade portuguesa. Assim, qual era o trabalho realizado para incentivar a coroa a investir nessas viagens?

Permanências e segredos

O momento em que resolvi me dedicar ao estudo da Serra das Esmeraldas foi aquele em que me deparei com certo documento do período monárquico. Era uma *Memória*

Estatística da Província do Espírito Santo Escrita no Ano de 1828, escrita pelo então Presidente da Província do Espírito Santo, Ignacio Accioli Vasconcellos (1978).

Em suas memórias, Vasconcellos se dispõe a falar sobre diversos pontos da Capitania do Espírito Santo. Disserta sobre a economia local, a história da capitania, questões políticas e sobre o elemento natural, abrindo um espaço para falar de “Serras, e Montes”, que transiro para cá na íntegra:

A costa toda da Provincia he acompanhada por hũa cordelheira de montanhas, de que, como espinha dorsal fazẽ devertebras todas as mais; havendo com tudo izoladas, como a Serra do Mestre Alvaro, utilíssima aos Navegantes por ter apropriedade de apresentar por todos os lados o mesmo aspecto, o monte Morêno e Penha e outros muitos. Esta cordilheira se aproxima mais a Guaraparim que a outro ponto da costa, e dela distará talvez oito legoas. Não consta que curiozo algum investigasse a altura de algum deles, a excepção do da Penha que está acima do nível do mar 100 varas. São raras as montanhas descubertas, suposto que todas em geral são riquíssimas de pedras, e talvez bem preciosas, como a Serra das Esmeraldas, de que ninguem do Paiz dá noticia, mas que de facto existem. As que são cubertas, e inda incultas possuem excelentes madeiras de construcção. (VASCONCELLOS, 1978, p. A).

O que mais chama a atenção nessa passagem é o fato de que seu autor a escreve no ano de 1828, após o auge da mineração de ouro e certamente muito posterior às grandes bandeiras em busca de esmeraldas realizadas na segunda metade do século XVII.

Essa fascinante permanência da Serra das Esmeraldas no imaginário colonial, e que ultrapassa para o período independente, me levou a começar a prestar mais atenção nos documentos capixabas em busca de assuntos que falassem ou lembrassem a questão das gemas verdes.

As buscas pelas esmeraldas, entretanto, se iniciam ainda no século XVI. Em *Donatários, colonos, índios e jesuítas*, de Nara Saletto (1998), lemos a biografia de alguns personagens capixabas do período colonial. Entre padre José de Anchieta¹ e a famosa heroína capixaba, Maria Ortiz², encontramos Marcos de Azeredo, de grande importância para as pesquisas sobre a Serra das Esmeraldas.

A autora deixa a desejar em relação à organização das referências das informações que apresenta durante seu texto, além de se limitar a narrar os acontecimentos das vidas de seus

¹ O famoso jesuíta coordenava as missões no Espírito Santo e habitou, durante anos, no colégio de Reritiba, ao sul de Vitória. A cidade, hoje chamada de Anchieta, foi o lugar onde faleceu e de onde teria sido carregado por índios até o Colégio de São Tiago, onde foi enterrado. Esse Colégio hoje é sede do governo capixaba e recebe o nome de Palácio Anchieta, situado no Centro Histórico de Vitória (SALETO, 1998, p. 37).

² Ortiz ficou conhecida por sua participação na defesa da Vila de Vitória contra a invasão dos holandeses em 1625. Ela teria incentivado a população a derrotar o capitão holandês Piet Heyn e seus homens, tornando-se heroína capixaba e dando nome à ladeira, agora escadaria, que leva da Cidade Baixa para a Cidade Alta, no antigo pelourinho (SALETO, 1998, p. 75).

Fazendo uma descrição pré-iconográfica, Francesco Suanno Neto (2007, p. 6-7) apresenta a imagem:

Todas as margens fluviais são preenchidas com árvores. Um lago encontra-se perto da nascente dos dois maiores rios e em frente a uma serra com cinco montanhas descritas como “Serra das Esmeraldas”. [...] A costa representada na figura é a costa central da capitania do Espírito Santo. A ilha localizada na parte central esquerda é a ilha de Vitória. A costa fluvial é margeada com árvores e temos em todo interior um deserto com algumas dunas ou pequenas montanhas. [...] O centro da imagem é a foz do rio Doce, maior rio da região e estrada natural para o que seria a “Serra das Esmeraldas”. Essa serra de tesouros, apontada por Marcos de Azevedo³, desperta o interesse da Coroa lusitana ao ponto de produzir um mapa justamente para localizar a fortuna em pedras.

Segredo de família ou não, o suposto roteiro em direção às esmeraldas incentivou gerações da família Azeredo (que se uniria à família Coutinho, do primeiro Donatário da Capitania, Vasco Fernandes Coutinho) a continuar em busca das pedras preciosas. É dessa maneira que Domingos e Antônio de Azeredo, seus filhos, tornam-se personagens importantes dos documentos da segunda metade do século XVII, participando ativamente das buscas pelas esmeraldas.

Até os padres jesuítas começaram a se preocupar com a lendária Serra das Esmeraldas e, com um alvará da Coroa e um incentivo de quatro mil cruzados, liderados por Padre Inácio de Siqueira, iniciaram uma bandeira que iria de 1634 a 1641. (FREIRE, 2006, p. 119).

Como nada encontraram, realizaram mais uma entrada, cinco anos depois, com o apoio de Domingos e Antônio de Azeredo, sobrinhos do antigo capitão Belchior de Azeredo e parentes diretos de Marcos de Azeredo, também sem resultado. Porém, nesse período, mais uma vez a capitania foi atacada por holandeses.⁴

Defesas e insistência

Em consequência dos ataques constantes à capitania, o governo português, já independente da Espanha (FREIRE, 2006, p. 119)⁵, procura aumentar a defesa local. Para a manutenção de quarenta novos infantes de tropa regular foi inserida uma taxa de 160 réis sobre a aguardente e também sobre o vinho de mel. (DAEMON, 1879, p. 116).

³ Para mais informações sobre Marcos de Azevedo ver: Saletto (1998).

⁴ A diferença entre entradas e bandeiras pode ser definida por serem as primeiras financiadas pelo Governo Geral, no Brasil, ou diretamente pela Coroa Portuguesa. As segundas são realizadas e financiadas por particulares, sem envolvimento direto dos administradores da Colônia.

⁵ A União Ibérica uniu a Coroa de Portugal e a da Espanha após a morte do rei português D. Sebastião, que não deixou herdeiros. A União existiu entre 1580 e 1640, quando assumiu em Portugal o rei João IV.

Essa ação demonstra a falta de verbas do governo português para manter tropas em suas colônias sem o acréscimo de impostos locais. Seu extenso império ultramarino tornava difícil a obra de proteger os territórios de além mar. Corroborando, há uma carta de 1661 do representante real endereçada à Câmara de Vitória, que diz que “de qualquer modo é obrigação sua suprir com a fazenda do povo os defeitos da de Sua Majestade” (Documentos Históricos, v. V. apud OLIVEIRA, 2008, p. 142).

Os pedidos por reforços continuaram na Vila de Vitória, pois, apesar do destacamento ser fixado em quarenta soldados, como já dito, muitas vezes esse número não era alcançado. Pode-se encontrar um motivo para isso em *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Júnior (1994, p. 283), onde este se refere a uma “casta numerosa de ‘vadios’ [...] que se torna uma das preocupações constantes das autoridades”.

O período, porém, demonstra o grande interesse pela proteção da capitania. Já havia preocupação com a precariedade da defesa capixaba. Ao observarmos os documentos relacionados à Capitania do Espírito Santo apresentados pelo Catálogo de Documentos Manuscritos e Avulsos da Capitania do Espírito Santo (LEAL, 2000, p. 13-31), percebemos que cerca de ¼ dos documentos dos séculos XVI e XVII estão relacionados diretamente ou à busca das minas no interior da capitania ou à proteção desta.

Porém, o rendimento da capitania era considerado bastante diminuto pelas autoridades e ela era constantemente atingida pelas pestes, principalmente de varíola. Algumas vezes o capitão se via obrigado a fazer a população pagar, além dos impostos, os gastos do governo, que não arrecadava o suficiente para cobrir suas despesas.

José Teixeira de Oliveira (2008, p. 161) acredita que o baixo rendimento local se dava pela falta da presença do donatário. De acordo com o autor,

[...] a presença dos donatários no senhorio coincide com promissor alento de todas as atividades humanas. Constroem-se novos engenhos, movimentam-se expedições em busca das minas, o comércio se anima. Governada a terra pelos capitães-mores, surgem as rusgas, o tráfico decai, o marasmo domina a tudo e a todos.

Enquanto isso, os próprios jesuítas encontravam tempo, entre suas obrigações nas missões e catequeses, de realizar bandeiras em busca de ouro. “Faziam de vez em quando entradas à Serra, e mais além, até Minas Gerais pelo Rio Doce, descendo índios para a catequese, e também com fim expresso de descobrimento, como as expedições às esmeraldas”. (LEITE, 1950, p. 144).

O interesse pelas promessas de tesouros tornou-se tal que a Capitania foi comprada por Francisco Gil de Araújo, responsável por diversos trabalhos na capitania e inúmeras

bandeiras em busca de ouro. Baiano, lutou na defesa de sua capitania contra a invasão holandesa comandada por Nassau. Além disso, foi juiz da Câmara da Bahia, onde ajudou na manutenção da infantaria local.

O valor pago pela capitania foi de 40 mil cruzados. Procurando identificar se o valor pago pelo novo donatário era alto, Mário Aristides Freire (2006, p. 146) estudou algumas análises de valores da época:

Pouco antes, escrevera o padre Antônio Vieira, a respeito do que vira no Pará: 'Tudo quanto há na capitania do Pará, tirando as terras, não vale dez mil cruzados, como é notório'. Anos depois, afirmava o arcebispo da Bahia [...]: 'Toda a capitania de Ilhéus não vale, vendida, o que Vossa mercê quer que se lhe dê para livrá-la dos tapuias'. [O interessado] oferecera ao arcebispo cinco mil cruzados.

Entre as realizações de Francisco Gil de Araújo, que chegou ao Espírito Santo apenas em 1678, constam, por exemplo, a construção do Forte Nossa Senhora do Monte do Carmo, que estaria apenas em alicerces na época de sua chegada. Ele reedificou o Forte São João, que, segundo carta sua, se encontrava em ruínas, conseguindo nova artilharia para ele.

Teria fundado o Forte S. Francisco Xavier, apesar desse já existir durante o ataque de Cavendish em 1582 e, provavelmente, ter sido fundado por Vasco Fernandes Coutinho. Gil de Araújo aumentou o contingente de 17 soldados e dois artilheiros para 33 soldados e seis artilheiros e trouxe da Bahia colonos para povoar terras desocupadas na capitania, que mantinha suas povoações no litoral, sem ousar criar fazendas no sertão, onde os índios atacavam constantemente. Além disso, edificou a Vila da Conceição – Guarapari – (IMFORMAÇÃO..., 1920, p. 148-151) e reformou alguns templos e a Câmara de Vitória.

Com essas reformas, o donatário teria gastado 12 mil cruzados. Essa também é a quantia investida em apenas duas de suas 14 entradas para o interior em busca de metais preciosos. Isso em apenas quatro anos.

Para conseguir o direito aos favores concedidos à busca pelas esmeraldas, então dados ao capitão-mor José Gonçalves de Oliveira, o donatário protestou diante do Governo Geral (OLIVEIRA, 2008, p. 169). O donatário recebeu os benefícios das bandeiras – ajudas em caso de necessidade – e lhe foi garantida a requisição de índios nas capitanias próximas.

Gil de Araújo é um exemplo do valor que a Capitania do Espírito Santo possuía então. As possibilidades de bandeiras e os constantes desejos de encontrar as sonhadas minas do sertão levaram a gastos bastante altos por parte do baiano.

Seu empenho em fazer de suas novas terras um local adequado para sediar as futuras descobertas permitiu que a capitania tivesse quatro anos de desenvolvimento (1678-1682),

com novas construções e reformas de antigos edifícios, além da fundação de cidades, como vimos. Entretanto, retornou à Bahia, local em que viria a morrer três anos depois, em 1685 (DAEMON, 1879, p. 124).

Não se sabe ao certo o motivo para ter deixado a capitania que comprou. Sendo por questões de saúde ou por decepção da falta de retorno em seus investimentos nas buscas pelas esmeraldas, ele deixou a capitania a seu filho, Manuel Garcia Pimentel. Este nunca a visitou e continuou morando na Bahia, onde tinha diversas posses.

Imaginário colonial e a Serra das Esmeraldas

O que o caso de Francisco Gil de Araújo nos permite estabelecer é que a crença era a de que havia algo de fantástico naquele local desconhecido para os portugueses e lá eles encontrariam o que desejavam. As esmeraldas representavam apenas uma dessas facetas. Ela fazia parte, na verdade, de um conjunto de mitos mantidos e trazidos entre os portugueses da Europa para a América.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1969, p. 356), em seu livro *Visão do paraíso*, o que descobridores, povoadores e aventureiros “muitas vezes vêm buscar e não raro acabam encontrando nas ilhas e terra firme do Mar Oceano, é uma espécie de cenário ideal, feito de suas experiências, mitologias, ou nostalgias ancestrais” (HOLANDA, 1969, p. 304). Mas então, porque esmeraldas entre tantas riquezas que poderiam ser procuradas?

Para Holanda (1969, p. 69), “a esmeralda (lapis prasinus) e o carbúnculo correspondem, numa antiga versão do Gênesis (2.12), ao que, no texto da Vulgata, se traduz respectivamente por bdelio e onix”, conclui então seu raciocínio com a seguinte questão: “Não serviria até certo ponto, este fato, para explicar a sua presença em muitas descrições do Paraíso?”

Aqui, mais uma vez, retorno a José D’Assunção Barros (2005), que coloca a História do Imaginário voltada para “um determinado padrão de representações, um repertório de símbolos e imagens com a sua correspondente interação na vida social e política” e torna-se referência para a discussão sobre representação e simbolismo do paraíso no Brasil.

Voltando para a imagem socialmente produzida do Éden mítico, as comparações da *terra brasilis* com o Paraíso Terreno existiram desde os primeiros momentos de ocupação portuguesa. Na verdade, a busca pelo Éden já ocorria antes do descobrimento da América e para lá foram trasladados a partir de sua ocupação. Se antes das grandes navegações pelo Oceano Atlântico buscava-se as Ilhas Afortunadas ou o Jardim das Hespérides (HOLANDA,

1969, p. 166), a chegada ao Brasil e as primeiras observações do espaço levaram os viajantes a imaginar que finalmente haviam encontrado o paraíso.

Isso porque durante anos foi organizado um esquema das paisagens edênicas a partir do que se podia encontrar nos livros sagrados. Esse esquema abordava diversos elementos, como:

[...] primavera perene ou temperatura sempre igual sem a variedade das estações que se encontra no clima europeu, bosques frondosos e saborosos frutos e prados férteis, eternamente verdes ou salpicados de flores multicoloridas e olorosas, cortados de copiosas águas (usualmente quatro rios, segundo o padrão bíblico), ora em lugar elevado e íngreme, ora numa ilha encoberta em que mal se conhece a morte ou a enfermidade ou mal algum. (HOLANDA, 1969, p. 170).

Segundo Stuart B. Schwartz (1999, p. 138), George Foster defende, sobre essa transferência de costumes da Europa para o Brasil, que a “cultura colonial podia conter muitos elementos europeus mas sempre mergulhados em uma variante colonial, remontada com as partes desconstruídas da matriz.”

Assim, vemos ser trazida para o Brasil a idéia de que o Paraíso Terreno estaria em algum lugar de suas terras, e também, a partir da suposição de Sérgio Buarque de Holanda, a ligação entre o Éden e as esmeraldas, o que garantiu, inicialmente, a permanência das buscas pela Serra das Esmeraldas.

Entretanto,

[...] o simples atrativo do ouro, e ainda o da prata, segundo o exemplo de Potosi, bastaria, independentemente, de qualquer elemento fantástico, para autorizar o longo prestígio alcançado por uma região imprecisa, onde depoimentos dos índios faziam presumir que comportava abundantes jazidas de metal precioso. (HOLANDA, 1969, p. 34).

A Serra das Esmeraldas não foi capaz de saciar essa busca por bens materiais, mas ela deu lugar, em fins do século XVII, ao ouro. Descoberto na Capitania do Espírito Santo em 1693, tornar-se-ia, então, o foco das cartas do período, levando as gemas verdes a, de certa maneira, serem deixadas de lado. Apesar do fato de que, como vimos, ela persiste no imaginário social ainda no século XIX, como uma sombra do que havia sido no início da colonização.

Referências

BARROS, José D'Assunção. Imaginário, mentalidades e psico-história – uma discussão historiográfica. *Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário*, ano 5, n. 7, jan./jun.

2005, Centro de Estudos do Imaginário (CEI), Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Disponível em: <<http://www.cei.unir.br/artigo71.html>>. Acesso em: 22 jan. 2009.

DAEMON, Bázilio Carvalho. *Província do Espírito Santo: sua descoberta, historia chronologica, synopsis e estatistica*. Vitória: Typographia do Espirito-Santense, 1879. Disponível em: <www.apes.gov.br/daemon_livro.htm>. Acesso em: 10 set. 2008.

FREIRE, Mário Aristides. *A Capitania do Espírito Santo: crônicas da vida capixaba no tempo dos capitães-mores*. Vitória: Flor & Cultura, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Visão do paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

IMFORMAÇÃO que dou a V. S. do estado em que fica esta capitania no breve tempo que nella assistio. In: LAMEGO, Alberto. *A Terra Goytacá: à luz de documentos inéditos*. Bruxelles: Paris: L'Édition D'art Gaudio, 1920, v. 1.

LEAL, João Eurípedes Franklin (Org.). *Catálogo de documentos manuscritos e avulsos da Capitania do Espírito Santo: 1585-1820*. 2. ed. Vitória: Arquivo Público Estadual, 2000.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938-50, v. 6.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo/Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REPRODUÇÃO fotográfica do documento: RASÃO DO ESTADO DO BRASIL, Códice com 18 cartas. Arquivo: Biblioteca Pública Municipal do Porto, Portugal. Reprodução: *PORTUGALIE Monumenta Cartográfica*. Lisboa, 1966. Edição Brasileira do Ministério das Relações Exteriores.

SALETTTO, Nara. *Donatários, colonos, índios e jesuítas: o início da colonização do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público Estadual, 1998.

SCHWARTZ, Stuart B. Mentalidades e estruturas sociais no Brasil colonial: uma resenha coletiva. *Revista Economia e Sociedade*, Campinas, v. 13, p. 129-153, dez. 1999.

SUANNO NETO, Francesco. A cidade de Vitória: uma visão do cotidiano por meio das imagens. In: *Relatório Final das Metas Alcançadas*. Projeto de Pesquisa CNPq: “A cidade de Vitória: história, cotidiano e cultura”, sob orientação de Maria Beatriz Nader, 2007.

VASCONCELLOS, Ignacio Accioli. *Memória estatística da Província do Espírito Santo Escrita no ano de 1828*. Vitória: Arquivo Público Estadual, 1978. Disponível em:

www.pucsp.br/revistacordis

www.ape.es.gov.br/pdf/Memoria%20Statistica%20Ignacio%20Acciolti%201828.pdf.

Acesso em: 14 out. 2008.

* Fabio “Miojo” Reis é graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2008) com monografia desenvolvida sob título “Conseqüências da Descoberta do Ouro para a Capitania do Espírito Santo”. Historiador, atualmente cursa o Mestrado em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com o tema “O imaginário metalista luso-brasileiro no Período Colonial: a Serra das Esmeraldas (1646-1683)”. E-mail: fabio@miojo.net.